

A PAGINA

ASSIGNATURAS

SEMESTRE.....	5\$000
TRIMESTRE.....	2\$500
NUMERO AVULSO.....	\$200

ESCRITORIO E REDACÇÃO

RUA ALTINO CORREIA N. 37

ANNO I

Florianopolis, 26 de Agosto de 1900

N. 22

NO PAIZ DO IDEIAL

Era n'um lago formosissimo e sereno, cujas agoas, como uma immensa lamina de talco, polida e delgada, pareciam vibrar n'um leve *frissou* aos beijos das auras vespertinas, tepidamente enlanguecedoras e enervantes. No céo, como n'uma enorme almofada de setim, tremelusiam, como alfinetes de diamantes, pequeninos vagalumes fixos, as estrellas disseminadas n'uma poeira luminosa.

A lua, a Ophelia dos poetas, em um argenteo crescente, reflectia a doce saraiva de luz no dorso das agoas arpepiadas de goso, estudando silhuetas nas margens do lago, onde esplendia a vegetação exuberante e luxuriosa, salpicada de aljofares. Bordavam as margens, n'uma prodigiosa variedade, nympheas e nenuphars phantasticos, gargantas voltadas para os céos, como a absorver e enthesourar perfumes. A temperatura outomnal era cariciosa, morna e saturada de uma ambrosia exotica.

E eu vi n'uma péquena enseada de praias arenosas e faiscantes, reverberando uns granulos crystalinos de madreperolas, uma gondola estranha, elegante e alvissima como um cysne, cuja forma imitava com uma perfeição e capricho orientaes. Ahi vi ainda saltarem dois amantes, risonhos e felizes como se estivessem n'um noivado recente.

Ella era bella e tão alva, como essas Madonas que eu costumava vêr nos altares das cathedraes. E o affortunado amante, tomando-a nos braços como si fôra uma criança, collocara-a á pôpa, sobre umas almofadas de pellucia azul celeste e que, fôfas e macias como arminhos, ao peso do precioso fardo, afundaram n'uma cova commoda e graciosa. No seio das agoas tranquillias mergulharam então os remos, curvos como dois alfanges mouriscos, triturando perolas. Lá ao longe elles pararam, mas duas vozes ergueram-se então n'um duetto doce e apaixonado, de um lyrismo mystico como eu nunca ouvira. Cousa estranha!

Pareceu-me que eu cantava tambem; e a romanza era a mesma que eu escrevera psalmeando o nosso amor, minha querida, e cuja musica fora inspirada pela harmonia de tua voz. Ah, sim! Depois vi bem:—eras tu que cantavas, eramos nós que nos achavamos n'esse paiz ideial do Amor, que a minha imaginação tantas vezes tem sonhado e tantas vezes tem percorrido em tua companhia.

Ah, querida, si tudo isso não fora um sonho!

VEIGA JUNIOR

MÃOS

*O Mãos eburneas, Mãos de claros veios,
Exquisitas tulipas delicadas,
Languidas Mãos subtis e abandonadas,
Finas e brancas, no esplendor dos seios.*

*Mãos ethericas, diaphanas, de enleios,
De effluvios e de graças perfumadas,
Reliquias immortaes de éras sagradas
De antigos templos de reliquias cheios.*

*Mãos onde vagam todos os segredos,
Onde dos ciumes tenebrosos, tredos
Circula o sangue apaixonado e forte.*

*Mãos que eu amei, no féretro medonho
Frias, já murchas, na fluidéz do Sonho,
Nos mysterios symbolicos da Morte!*

CRUZ E SOUZA

ALVORADAS

C...

Oh, Sonhos que formei, onde ides n'esse afan,
 Mal rompe para vós a esplendida manhã,
 N'um rosiclér de amor!
 Porque beijaes tão cedo aos lírios e aos rozaes,
 Dizei-me, oh Sonhos meos, porque assim madrugaes
 Agora como a flôr!

Outr'ora eu vos guardava em carcere maldito,
 Prisioneiros do peito esteril de um proscripto,
 Sem vos deixar parir;
 E agora estaes alegres, dulcidos, risonhos,
 Já não vos pareceis com os meos passados Sonhos
 Pois vejo-vos sorrir.

Mas, ah, tendes razão, pedaços de minh'alma,
 Tivestes no martyrio a mais cruenta palma,
 Soffrendo por amar;
 Agora emfim que brilha a luz que nunca vistes,
 Voae, Sonhos, voae, que mesmo os dias tristes
 Tambem devem passar.

A' mocidade em flôr succede-se a velhice,
 Do amante após o arrufo eis segue-se a meiguice,
 E ao pelago a bonança;
 Porque, pois, se negar a vós que tanto amastes,
 E ao talisman de uns olhos tanto acrysolastes,
 A aurora da esperança!

Ide pois para além, colhei aromas, flôres,
 Pedindo ao seo matiz as mais brilhantes côres,
 Para offertar á Santa;
 Que a luz do seo olhar foi quem vos deu a vida,
 Essa vida que achaes agora mais florida,
 E tanto vos encanta.

Não fôra eu conhecer-te, Archanjo, e não soubéra
 Que existe um céu no amôr, que a eterna primavéra
 Ahi florece a flux
 Não fôra o teo semblante apparecer-me um dia,
 E juro-te que cégo ainda hoje eu me acharia,
 Desconhecendo a luz.

GONÇALVES FERRO

ORANDO

A DOMINGOS NASCIMENTO

O ambiente thuriferado do convento rescendia a emanações suaves de incenso e recolhia os sons cavatinados das lôas, que as freiras entoavam contemplativamente, numa prostração penitente de quem se aproxima das sidereas beatitudes eternas.

As monjas rezavam...

As velas tremulantes, como pontos vermelhos de asteroides, estrelavam nos escaparates dos altares, e iam terminar em linhas paralelas na base dos nichos decorados de azul, onde as imagens, graves e solemnes, se alteavam erectas em suas solidas peanhas sarapintadas de nuvens e contornadas de pequeninos bustos garrulos de anjos.

O Senhor dos Passos lá estava com o seu contrito olhar funebre, a cabelladura negra a cahir-lhe em cachos desordenados pelos hombros, cujas clavículas supportavam o lenho em cruz, em que por fim o esticaram como ultimo desforço das vindictas judaicas.

Os olhos do Senhor pranteavam muito, soltando dois longos fios de lagrimas salientes, lagrimas tumidas de maguas, grossas de infortunios... Seus pés sangravam, como quando trilharam nas eivas e asperrimas pontas do calçamento de Jerusalem... Uma verde corôa d'espinhos, tirados de cardos penetrantes de Siloé, perfuravam a fronte torturada do Santo, que em sua rizeja plastica, em solilóquio de afflicto, parecia monologar uma percuciente phrase de agonia...

E as monjas rezavam...

Ao fundo, nas lages superpostas da egreja, naquelles paredões seculares do vetusto convento, via-se o perfil correcto e immaculado da virgem, que parecia evolada em contrição profunda, tendo os labios entreabertos por uma ligeira vocalisação de supplica.

Dir-se-hia que a Virgem confabulava com Deus, perdendo-se então em espasmos de prece intima, e atirando-se em fluctuações de extase pelos intersticios serenissimos dos mundos.

Era uma Senhora da Conceição.

A seu lado, cavalgando pequenas, espheras firmes, seraphins brincavam com tennes pedacinhos de ar, com que ponteavam de branco o roupão roxo da Santa, dando uns tons galhardos ao antiquario uniforme da Virgem.

E ella, na placidez amoravel da sua bemdita alma piedosa, deixava os péquenos seraphins estontarem a seu lado, estendendo os braços protectores sobre as cabecinhas flavas dos candidos brincalhões celestes.

E as monjas continuavam a rezar...

Mais adiante, S. José, de berba a nazarena, empunhava o seu aurige-ro bastão florido, que a lenda perpetúa com aquellas mesmas acacias de gy-neceus fecundos, que rebentaram no templo quando o velho eleito rece-beu o signal da mysteriosa paternidade de Christo.

E o venerando patriarcha lançava os seus olhares de aguia por toda a multidão de freiras em penitencia, como que attrahido pela sublimidade religiosa das lôas e pela purificação trescalante do incenso.

Um sorriso meigo, transparecendo numa irradiação ampla de bondade, deixava a descoberto o interior escarlata da bocca contrahida do Santo, em cuja frente o grande resplendor de prata massiça lançava chispas, quando a luz das arandellas batia em cheio nos raios do coruscante artefacto.

E as monjas rezavam...

O orgão chorava gemebundamente em nostalgicos quebrantos compas-sados, enquanto as vozes suspirosas das freiras voluteavam em côro pelas arcarias soturnas do convento, indo perder-se além, num esmaecimento fatal de nuvem que se desfaz.

No adro parecia palpitar a alma inteira da christandade, e nas criptas, as imagens plasmadas em gêsso colorido sentiam enervações vitaes, quando aquelles echos subiam, cavatinando, até as ultimas clareiras da ogival e gothica rotunda.

A lampada piscava em seu comburente banho de azeite, symbolizando a fragilidade material do homem, que succumbe assim, num crebro relam-pejar de sensações paralyzantes...

A noite penumbrou emfim o vasto seio phantastico da Terra, e as mon-jas, uma a uma, em retirada respeitosa e muda, iam-se embiocando nas pequenas paredes de suas cellas, tendo ainda preso aos labios o plangentivo rosmonear das preces rituaes.

Todavia, Soror Trindade, atirando para traz o escuro capirote que lhe sombreava a jaspea carnção do resto, chegou-se resolutamente aos pés sangrentos do Senhor dos Passos, implorando-lhe perdão para um sacri-legio em que se conturbara o seu espirito e em que se estirolara o seu du-ctillissimo coração de mulher.

E falou:

—«Senhor... pequei! Foi pela n.atina, alli, no confissionario, que Sa-tanaz rabejou sua juba de fogo contra mim, Senhor!

A vossa presença, venerabilissimo soffredor do Calvario, não conteve a furia do demonio, que entrou em mim com a sua ferocidade de banido do Céu, e apagou os ultimos clarões santificantes da minha vida! Se-nhor, o demonio, como offuscou outr'ora a retina innocente de Santo An-tonio, apresentando-se-lhe na airosa conformação de uma mulher seducto-ra, desta vez confundiu-me, apparecendo-me com o aspecto do joven con-fessor do convento! O que eu senti... Feriram-me os terriveis olhos do padre e a minha natureza não resistiu... Pequei, Senhor! Tende piedade de mim... Quem poderá resistir as ardilezas infernaes de Satan? Eu, crea-tura feita da argilla e do limo asqueroso da terra, cahi em tentação, quan-do me deixei amplexar pelos fortissimos braços do bello confessor!

Tende piedade de mim, Senhor, porque eu pequei, desconhecendo os prazeres com que Lucifer incendiou os meus olhares de monja!»

E o Senhor dos Passos continuou na sua grave immobilidade sombria, parecendo monologar, em soliloquio de afflicto, uma percuciente phrase de agonia.

NESTOR VICTOR

BAIGNEUSE

Nua e divina, sacudindo a altiva
Cabelleira de aurifero esplendor,
Surgiu na praia. O sol treme e, captiva,
A magestade aos pés lhe vem depôr...

Escura, ao fundo, a agreste perspectiva
Se eleva—egregio manto protector
Rojando a fimbria pelo areal.—Deriva
Sereno o rio entre os juncaes em flor.

Branca e perfeita, na impune ousadia
Da inconsciencia primitiva e casta,
Eil-a orvalhada, em pé, sobre a alvadia

Praia, agitando a cabelleira basta.
E o sol, pallido e humilde acaricia
A plumbea argilla que os seus pés engasta.

CANDIDA FORTES

MY LADY

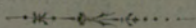
Algum tanto bizarra esta senhora ingleza,
Que veste cassas da India em toilettes frescas,
Photographia real das louras romanescas,
Das Madonas de gesso, ideiadas em Veneza.

Condessa e encantadora; esta mulher á mesa
Faz honra aos parreiras e ás saborosas pescas;
Adora a caça e o sport, e as suas mãos tudescas
Têm o aroma do chá como as mãos da chineza.

Ella é sempre quem faz no hyppodromo a paisagem
Na almofada, de pé, dentro da carruagem
Espia a multidão pelas lunetas bellas,

E, quando o sol dardeja, a pino, pela raia,
Mancha ao verde do campo a sua rubra saia
E o lindo parasol de rendas amarellas.

OSCAR ROSAS



NOTAS

Nestor Victor, o brilhante auctor dos *Signos*, um livro de contos de primeira ordem, e romancista de *Amigos*, o livro que mais tem dado serviços á critica destes ultimos tempos, acaba de surpreender-me com a dadi-va artistica desse *Orando* que ahi vae, surpresa essa feita de uma maneira toda original.

E' o caso que o maior amigo do glorioso Cruz e Souza, se recordando talvez de uma velha amizade de infancia e no intuito de estreitar mais ainda os laços de camaradagem litteraria, que nos unia em espirito ha uma porção de annos, me dedicára esse bello trabalho e sem nada me dizer e para que eu talvez nunca soubesse, mandou publical-o numa folha mineira, de excellente feitura artistica.

Mas o *Diario de Minas*, havia um dia de bater á minha porta, para me trazer, como um mensageiro a riquissima offerta.

Ora, eu tenho uma certa mania, que a mim mesmo me parece exquisita. Gosto immensamente de ler os jornaes velhos, atirados ao abandono. Ha dias me appareceu, envolvendo uma ninharia qualquer, um pedaço de jornal, de bonito formato e excellente impressão. Abandonei pressuroso o contheudo, e passei a ler o envolucro. Era o *Diario de Minas*, folha que eu não conhecia; não era um exemplar antigo, pois datava dos ultimos dias de junho.

Correndo os olhos pela primeira pagina, deparei no alto da ultima columna com um escripto, dedicado ao meo bom amigo Domingos Nascimento, que nas suas horas de excentricidades gosta muito de se parecer comigo...

De quem seria aquelle trabalho de arte?

Li os primeiros periodos e encontrei-me logo diante de um artista de pulso; quiz descobrir o estylo, para reconhecer o auctor. Confesso a minha ignorancia,—não o consegui.

Mas, quando virei a pagina e dei com a assignatura do Nestor Victor, cahio-me a cara, de vergonha!...

Pois eu não reconhecer de prompto a penna de ouro do brilhante estylista dos *Signos*?!...

Calcullem agora o meo contentamento, passada a primeira surpresa. Nestor Victor, mettido na sua grande modestia, enrequecia, ás occultas, o meo bazar de joias raras, roubadas ao fino escripto dos meos excellentes amigos em Arte.

Essa joia exponho hoje n' *A Pagina*, como um attestado do merito litterario do dedicado herdeiro do immortal Cruz e Souza,

E por falar nesse millionario de estrellas, o pobresinho que nunca teve vintem...

Sebastião Paraná, a bella alma paranaense, acaba de me enviar um volume dos *Pharões*, livro posthumo do grande rebellado.

Não cabe agora nos estreitos limites desta chronica a nova obra do artista dos *Broquets*.

Tractarei dessa gloriosa reliquia em artigo especial.

Por hoje basta consignar esse factio:

Tudo quanto Cruz e Souza produzio é um thesouro de esthesia incomparavel.

Certo que para mostrar o valor esthetico das obras de Cruz e Souza não è preciso fazer escolha. Seria mesmo um attentado, uma profanação ao stellario riquissimo do grande morto, apontar a dedo estrella por estrella.

Para apreciar o valor dos *Pharões* ou de outro qualquer trabalho do extraordinario artista, è preciso abrir ao acaso o livro e ouvir o que diz aquelle coração torturado.

E' o que neste momento faço:—Tomio entre os dedos os *Pharões*, abro essa joalheria; dou sobre a pagina 129.

Mãos—è um soneto que por si só faria a independencia litteraria de um poeta.

LEO-LINO